

VENEZA, UM INTERIOR JAVIER MARÍAS

VIAGENS / RELÓGIO D'ÁGUA



Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

© Javier Marías, 1988
Publicado originalmente no *El País*, 22, 23, 24, 25 e 26 de agosto, 1988

© Javier Marías, 2009
Publicado originalmente no *El País Semanal*, 14 de junho, 2009

Título: *Veneza, Um Interior*
Título original: *Venezia, un interior* (1988); *Lo que uno lleva consigo* (2009)
Autor: Javier Marías
Tradução: José Bento (*Veneza, Um Interior*)
e Manuel Alberto (*O Que cada Um Leva Consigo*)
Revisão de texto: Anabela Prates Carvalho
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)

© Relógio D'Água Editores, novembro de 2016

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-685-0

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.
Depósito Legal n.º 418749/16

Javier Marías

Veneza, Um Interior

Tradução de
José Bento e Manuel Alberto

Viagens

OS VENEZIANOS

Começaremos pelo que não se vê, talvez o único que não se deixa admirar, o que é inverosímil que exista e ao viajante, de facto, lhe parece impossível que possa haver. Gente que *vive* em Veneza! Homens e mulheres que, sem ter que ver com a engrenagem turística, estão ali *permanentemente*! Seres humanos que passam o ano inteiro no Grande Museu, as quatro longuíssimas estações desta cidade! Indivíduos que não se conformam com os três ou cinco ou sete dias que todo o mortal deve reservar na monumental agenda da sua biografia ao único lugar do mundo que, se nunca se viu, pode embaciar a digna imagem final de qualquer pessoa que, no restante, tenha cumprido com as suas obrigações estéticas ao longo de uma vida dissoluta ou justa!

Somente essa ameaça contra a perfeição da nossa experiência explica que, misturados com os turistas

mais jovens — os odiados turistas de pé-descalço que no verão turvam as águas —, grupos compactos de turistas anciãos, às vezes decrepitos, surjam na Praça de São Marcos protegidos por uma máquina fotográfica com dioptrias ou olhando o chão, como se receassem que levantar a vista e olhar de frente, cumprindo por fim com o que está prescrito que todo o ser humano deste planeta deve contemplar com os seus próprios olhos antes de o deixar, pudesse decidir a sua imediata saída para o outro paraíso do qual nunca se regressa. Somente isso explica que, de vez em quando, os aviões que aterram no aeroporto que dir-se-ia antes centro-americano de Marco Polo atrassem meia hora a descida dos passageiros são porque vão carregados com «cadeiras de rodas» (como uma hospedeira com mentalidade utilitária chama repetidas vezes aos que as ocupam), que devem depositar em terra em primeiro lugar, e não sem risco, por meio de guas rudimentares e escorregas de plástico. Uma hora depois as «cadeiras de rodas» terão que passar das boas com o irresolúvel problema de vencer incontáveis escadas e pontes, mas não podem juntar à sua terrível desgraça a ignomínia de ficar sem ver Veneza. Há que chegar seja como for.

Os venezianos estão conscientes disto, e saber que são o principal destino do sonho geográfico da hu-

manidade forjou o seu caráter e determinou a visão de si mesmos na sua relação com o mundo. Não é muito surpreendente que os venezianos, ainda hoje, se considerem o centro desse mundo que vem até eles a arrastar-se se for preciso. Ainda se pode escutar, na boca dos mais altivos, que o campo começa depois da Ponte della Libertà, única união (além da via-férrea de 1841-1846) da terra firme ao conjunto de ilhas que constituem a cidade. Essa construção de Mussolini, de Vittorio Cini e do conde Volpi di Misurata, que com os seus três quilómetros e meio os ata à península desde há cinquenta anos e permite que os automóveis fiquem assediando às suas próprias portas como novos dragões, parece-lhes um impertinente cordão umbilical que não houve outro remédio senão tolerar. Veneza é a Cidade por excelência para o veneziano. O resto do mundo é *campo*. A versão mais belicosa e dura deste conceito exprime-se com uma variante de corte racista: «Os negros começam para lá da Ponte della Libertà.»

Mas estes habitantes — os únicos brancos, segundo a sua própria opinião, os únicos civilizados da humanidade, selvagem sempre na comparação — não são vistos facilmente. Invadidos, fustigados, espoliados, expulsos, privados pouco a pouco dos seus costumes brancos e das suas tradições urbanas, cada vez são

menos os que se negam a ceder mais terreno. Ao longo deste século tem havido uma gradual mas sempre crescente emigração para Mestre, que começou por ser o bairro proletário a poucos quilómetros da cidade e que hoje, entre dentes, invejam os venezianos menos resistentes e mais claudicantes, os mais traidores: ali há discotecas, cinemas, jovens, grandes armazéns, supermercados, atividades, vivacidade. Nos tempos da república, Veneza chegou a ter quase trezentos mil habitantes. Hoje só restam setenta mil resistentes e as deserções não terminaram.

Os venezianos não são vistos facilmente porque saem pouco, em primeiro lugar. Entrincheirados por trás das suas portadas de cor verde-melancia, veem o resto do mundo — a periferia do mundo — em pijama e somente através dos seus vinte canais de televisão. A sua indiferença e a sua falta de curiosidade pelo que não seja eles próprios e os seus antepassados não têm um equivalente possível com os povos mais ensimesmados do hemisfério norte. Os três cinemas de Veneza estão sempre lânguidos e semivazios, como o estão o teatro Goldoni, os bares e as ruas ao cair a tarde, as salas de conferências e, inclusive — embora sejam a exceção —, algumas salas de concertos. Quase nada os arranca das suas próprias casas, quase nada os move da sua cidade. Evitam todos os locais que tenham sido concebidos

com mentalidade turística ou dela se tenham impregnado, e isso leva-os a evitar quase todos os locais da cidade. O seu espaço vai-se reduzindo cada vez mais, mas sem dúvida eles não serão vistos nas esplanadas com uma pequena orquestra anacrónica (clarinete ou violino, contrabaixo, piano de cauda e acordeão!) da Praça de São Marcos, nem nas *trattorie*, e restaurantes próximos, nem a passear pela feiral e chiante Riva degli Schiavoni, em frente da laguna, nem certamente de gôndola. No imprescindível café Florian somente a desoras, quando os visitantes dormem o profundo sono do turista exausto. Pelo contrário, poderão ser encontrados em lugares que ao viajante talvez lhe pareçam pouco atraentes, mas que são o reduto dos seus costumes mínimos, aqueles que as agências de viagens não se dão ao trabalho de revelar aos seus clientes demasiado ocupados: ao meio-dia, as senhoras e os cavalheiros tomam o aperitivo na insignificante geladaria Paolin; o passeio será pelas sublimes Zattere; à noite pode ver-se os mais noctâmbulos e certos melómanos no oculto e antiquado salão Campiello, um dos poucos locais que continuam abertos depois das dez. Nas noites de ópera, sem dúvida, podem ser vistos no teatro oitocentista La Fenice, o lugar de reunião predileto dos venezianos mais brancos e mais urbanos, isto é, dos mais orgulhosos, dos mais fechados, dos mais desdenho-

sos e dos mais abastados. Não é que o La Fenice seja um teatro demasiado importante, nem que a tradição operista de Veneza possa comparar-se com a de Milão. Mas é ali, na plateia, onde a *gente per bene*, os venezianos de sempre, devem estar.

Precisamente por ter a sua função estritamente musical ainda mais depreciada ou atenuada do que o habitual, essa plateia converte-se no maior desfile de vestidos, sapatos, peles e joias; e o próprio desconhecimento que os venezianos têm do mundo exterior leva-os a medir mal, ou, dito mais exatamente, a não ter medida na exibição. Os cantores queixam-se às vezes de que nesse teatro as suas vozes se confundem com o ruído das pedrarias e os seus olhos ficam ofuscados pelas cintilações do ouro na escuridão, pois há algumas senhoras que carregam demasiado as mãos, as orelhas e o pescoço no seu anseio de se deslumbrarem a si próprias, principalmente.

É este, de facto, um dos sinais de identidade dos venezianos. Quero dizer a sua necessidade de arranjar-se, vestir-se, calçar-se, cobrir-se de joias. O viajante curioso poderá reconhecer os escassos nativos com que se cruze no seu deambular porque, assim como os turistas andam como sempre feitos uns fantoches, se não uns sórdidos, os venezianos parece que vão para uma festa elegante a qualquer hora do

dia e em qualquer estação, mesmo quando o calor e a humidade se aliam para banhar em suor até os mais requintados. As venezianas em especial podem reconhecer-se por três coisas: têm sempre muito pintados os seus belos rostos muito artificiosos, lenhosos, quadrados, como caras de Egon Schiele; caminham muito depressa; têm pernas muito formosas, harmoniosamente musculadas por terem subido e descido tantas escadas ao longo de uma vida inteira de pontes atravessadas.